



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MABEL ALVES DA SILVA

O PRECONCEITO CAUSADOR DA EXCLUSÃO DO ALUNO DO CAMPO

Sousa – PB
2014

MABEL ALVES DA SILVA

O PRECONCEITO CAUSADOR DA EXCLUSÃO DO ALUNO DO CAMPO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: MS. Elisabete Borges Agra

Sousa – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Mabel Alves da Silva
O Preconceito causador da exclusão do aluno do campo [manuscrito] / Mabel Alves da Silva. - 2014.
47 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. ^a Elisabete Borges Agra, Departamento de Letras".

1. Educação do Campo. 2. Exclusão 3. Movimentos Sociais. I. Título.

21. ed. CDD 370

MABEL ALVES DA SILVA

O PRECONCEITO CAUSADOR DA EXCLUSÃO DO ALUNO DO CAMPO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: ____/____/____

Elisabete Borges Agra

MS. Elisabete Borges Agra/UEPB
Orientadora

Ana Alice R. Sobreira

Prof^a. Dr^a. Ana Alice Sobreira /UEPB
Examinadora

Valmir Pereira

Prof. Ms. Valmir Pereira/UEPB
Examinadora

O Deus meu senhor, a quem tanto amo e dedico as minhas conquistas, ao meu esposo Claudeni da Silva Cardoso, que sempre esta comigo me ajudando me dando o apoio que necessito, à Kênia Mabelle e Keila Dályte minhas filhas queridas, que sempre estão do meu lado nessas horas em que preciso, ao meu neto Joaquim que me da a alegria de tê-lo ao meu lado, aos meus pais que sempre me apoiaram e estão presentes na minha formação profissional, enfim, a todos os professores, colegas e amigos. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar força, sabedoria e discernimento em todos os momentos de minha vida e por ajudar nesse momento tão importante para minha formação acadêmica.

Aos meus pais, Elzanira e Joab, primeiramente por ter me dado o dom da vida. Tudo o que sei e que sou devo a eles. Sou eternamente grata; sempre me está orientando e ensinando aquilo que aprenderam nas suas existências; sem o apoio deles nada disso seria possível. Aos meus irmãos que são especiais pra mim por me dar apoio sem medir esforços.

Ao meu amado esposo, Claudeni por estar em mais uma etapa da minha vida ao meu lado, compreendendo, ajudando e apoiando, que com seu amor. Às minhas filhas Kênia Mabelle, que a cada dia aprendo mais, e é nela que me incentivo mais para lutar por um futuro melhor. A Keila Dállyte que me ajudou fielmente neste trabalho, que me encoraja na batalha diária. E ao meu neto Joaquim que é a minha alegria.

Às minhas colegas: Lizianny, Daguia, D.Francisquinha, Sara, e ao meu amigo Reinaldo que no curso de especialização, compartilharam momentos de alegria e tristeza.

À minha orientadora, Elisabete Agra, uma amiga, que abre os horizontes para que alcemos um voo profissional grandioso, sempre disponível para nos orientar.

Não sejas sábio em tua própria opinião; teme ao SENHOR e afasta-te do mal. Porque será remédio para teu corpo, e refrigério para teus ossos. Guarda a prudência e a reflexão e serão vida para tua alma, e adorno para seu pescoço. E então andarás seguro por teu não caminho, e teu pé não tropeçaras.

Provérbios

RESUMO

Nos dias atuais, todas as atividades humanas estão sendo influenciadas pela inclusão social; inclusive a educação. Em consequência desse processo, a cultura do ensino está modificando significativamente. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar o uso da exclusão social aos alunos do campo, em uma escola estadual, levando em consideração a visão de um grupo de alunos do campo e da cidade. O trabalho caracteriza-se como um estudo de caso descritivo realizado na E.E.E.F.M. DR. José Gadelha, localizada na cidade de Aparecida, sertão da Paraíba, onde foram aplicados textos com duas turmas de alunos. Com base na pesquisa feita, pode-se verificar dois grandes problemas; que os alunos do campo enfrentam hoje o preconceito por serem alunos do campo e morarem no sítio; e a qualidade de vida oferecida aos mesmos é precária, isso dificulta o processo de ensino aprendizagem e causa em muitos casos, a exclusão social.

PALAVRAS-CHAVES: Aluno do Campo. Exclusão. Escola.

ABSTRACT

Nowadays, all human activities are influenced by social inclusion; including education. As a result of this process, the culture of education is changing significantly. The objective of this research is to analyze the use of social exclusion students of the field in a state school, taking into account the vision of a group of students from the city and countryside. The work is characterized as a descriptive case study conducted in EEEFM DR. José Gadelha, located in the city of Aparecida, backlands of Paraíba, where texts were applied to two groups of students. Based on the survey, can be seen two major problems; students to the field today face prejudice for being students and living in the camp site; and quality of life offered to them is poor, this complicates the process of teaching and learning because in many cases, social exclusion.

KEYWORDS: Student Field. Exclusion. School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ASPECTOS RELACIONADOS A PESQUISA	12
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 OBJETIVO GERAL.....	12
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.3 HIPÓTESE.....	12
1.4 METODOLOGIA.....	12
1.5 JUSTIFICATIVA.....	13
2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA CONQUISTA DOS ESPAÇOS SOCIAIS PELOS SEUS SUJEITOS EM AÇÃO	15
2.1 O QUE É EDUCAÇÃO DO CAMPO?.....	15
2.2 A REAL IDENTIDADE DO ALUNADO DA ZONA RURAL BRASILEIRA.....	17
2.2.1 A identidade do aluno do campo em questão.....	19
2.3 A CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO.....	21
2.4 POR UMA EDUCAÇÃO NO CAMPO DE QUALIDADE.....	22
2.5 OS REFLEXOS EM TORNO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO CAMPO.....	23
3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: NA PEQUENA CIDADE DE APARECIDA – PB	26
3.1 REALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO.....	26
3.2 A CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	26
3.3 A FALA DOS ALUNOS.....	28
3.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO: UMA ESPERIÊNCIA VIVIDA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXO	41

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais todas as atividades humanas estão sendo influenciadas pelo uso da inclusão social e a educação em especial tem papel fundamental desse processo social de inclusão. Devido ao grande processo de mudança social, o respeito à diversidade cultural está modificando significativamente a sociedade.

As paredes das escolas se ampliam para tantos acontecimentos. Seus integrantes se destacam, se movimentam, buscando práticas de valorização humana. A inclusão tem ganhado espaço na escola e a facilidade crescente de oferta ao acesso a essa prática que incitam mudanças no processo de ensino-aprendizagem. Outrora, a escola era um ambiente favorável à exclusão, Contudo, na contemporaneidade, torna-se um espaço de combate, que também permite a todos lutar para que seja combatido esse mal, que tem causado prejuízo à sociedade nesse caso em especial ao aluno do campo.

Estamos a caminho de uma transformação social mais que ainda precisamos lutar para mais, para que isso aconteça.

Necessitamos de uma educação do campo de qualidade e para isso precisamos implantar nas escolas projetos de conscientização onde haja uma Valorização humana em que possamos ser respeitados de modo ofertando uma qualidade de vida de igualdade para todos.

Assim, torna-se urgente e relevante compreender a relação entre humano e o social no processo educacional, para refletir sobre a nossa realidade escolar frente ao contexto.

Nesse sentido, a problemática deste trabalho está relacionada à inclusão social ao aluno do campo da escola E.E FM Dr. José Gadelha, localizada na cidade de Aparecida-PB, enfrentam na prática da exclusão no cotidiano escolar.

Sendo essa realidade de um passado remoto, existe ainda nos dias atuais uma lacuna na sociedade uma lacuna desta temática, tornando assim esta pesquisa, muito importante, por tratar de, que tem vivenciado esta realidade. Além disso, este trabalho tem importância e justifica sua realização na medida em que aponta alguns, problemas encontrados nos muros escolares nessa era de busca pela inclusão e visa acabar com o uso do preconceito e da exclusão.

Assim, este trabalho está dividido em quatro partes. O capítulo introdutório apresenta objetivos, contextualização, problemática, hipóteses e metodologia utilizada. O segundo capítulo se refere à teoria da educação do campo no Brasil, que pode ser aplicada aos alunos da atualidade. No capítulo seguinte, debate-se sobre o aluno do campo e da cidade na escola estadual Dr. Jose Gadelha na cidade de Aparecida na PB, apresentando a cultura de cada localidade e a participação do MST (Movimento Social dos Sem Terra) como exemplo para essa classe, utilizando como fonte de pesquisa o projeto governamental Mestre Educação. Por fim, na última parte do trabalho, são apresentadas as análises de dados coletados por meio de textos, aplicados aos alunos da escola mencionada, sobre o uso do preconceito e da exclusão ao aluno do campo na escola.

1 ASPECTOS RELACIONADOS À PESQUISA

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Identificar que o preconceito é o causador da prática da exclusão na E.E.E.F.M. Dr. José Gadelha, a partir da visão de um grupo de alunos..

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Compreender que a educação do campo é uma conquista dos espaços sociais pelos sujeitos em ação;
- ✓ Discutir a educação do campo na cidade de Aparecida em especial na escola Dr. Jose Gadelha.

1.2 HIPÓTESE

Os alunos do campo da escola investigada estão vivenciando alguns desafios relacionados ao preconceito e a exclusão, os mesmos necessitam de projetos que contemplem a prática da inclusão, inserindo de fato no seu cotidiano escolar.

1.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa identifica-se como descritiva porque envolve observação de um problema social, com registro e análise. Neste tipo de pesquisa, os fenômenos são estudados, porém não há interferência do pesquisador no resultado encontrado. Quanto ao procedimento, organizou-se um estudo de caso, de caráter

exploratório, utilizando como técnica de coleta de dados a aplicação de textos, no intuito de proporcionar uma maior familiaridade com o problema pesquisado.

O local da pesquisa foi à escola E.E.E.F.M. Dr. José Gadelha, com aplicação de textos para uma turma de alunos de 6º e 9º ano, sobre a prática do preconceito e da exclusão. Esta unidade escolar foi escolhida devida ser uma escola que agrega na sua maioria alunos do campo na cidade de Aparecida, bem como ser área de atuação da produtora deste trabalho monográfico, o que facilitou o acesso ao grupo pesquisado.

A população da pesquisa foi composta por duas turmas de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. José Gadelha, na cidade de Aparecida, localizada no sertão da Paraíba. Na referida cidade existe apenas esta escola como escola estadual. A escolha da população foi feita de forma aleatória, obedecendo ao prazo de 10 a 30 de outubro de 2014 para aqueles alunos que estavam na escola durante este período.

Conforme já mencionado, foram utilizados textos, bem como se utilizou material bibliográfico (impresso e online), para produzir a revisão de literatura, considerando a abordagem de pesquisadores e estudiosos acerca do tema em questão.

1.5 JUSTIFICATIVA

Considerando esta produção, organizada pelo estudo de caso qual relatado, pode-se verificar que os sistemas educativos enfrentam um grande problema na atualidade: preconceito e exclusão. Foi possível analisar que a prática da inclusão na escola deve acontecer por meio de projetos norteadores de práticas pedagógicas transformadoras que permitam maior desempenho dos docentes, para que, de fato, os alunos do campo possam está inseridos numa educação de qualidade em seu desempenho social positivo. Além disso, voltar uma atenção especial para as dificuldades vividas por eles de acesso à escola, tais como: a situação econômica, a falta de transportes escolares, estradas em situação precárias que causam transtornos ainda maiores para essa situação entre outros problemas.

Sendo assim, o trabalho foi importante, uma vez que são necessárias as mudanças no currículo da formação de professores no campo ou na cidade. As transformações advindas dos debates sobre o professor e sua atuação profissional têm evidenciado a importância de considerar a prática docente articulada à sociedade. A complexidade apresentada no meio educacional, principalmente concernente à atuação do professor como um mediador, necessita ser olhada e compreendida e, assim como o seu enfrentamento, deve ser assunto já da formação inicial do futuro professor e sua prática. O repensar desta atuação é que pode favorecer aos processos de ensino e de aprendizagem. O domínio do conteúdo pelo professor é imprescindível, mas somente ele não será capaz de abranger os processos de ensino e de aprendizagem. Tais processos geram um movimento articulador e intencional, entre as áreas da sociedade, da educação e da cultura, e, sobretudo adequar às práticas educacionais ao espaço em que elas serão desenvolvidas. A educação, nesse sentido, apresenta-se como elemento essencial para a formação de ser humano e favorece para que ele atue criticamente em seu mundo circundante. O trabalho em questão se justifica por abordar essa preocupação entre prática pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem do alunado.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA CONQUISTA DOS ESPAÇOS SOCIAIS PELOS SEUS SUJEITOS EM AÇÃO

2.1 O QUE É EDUCAÇÃO DO CAMPO?

O questionamento nos aponta para uma possível abordagem à questão conceitual no plano discursivo de educação do campo, o qual já se tem um novo e já se disputa um movimento real que expressa seus paradoxos. O conceito se fundamenta por sua historicidade e sua base concreta é discutida dando significado ao seu estudo. Assim, temos a noção daquilo que é ou não educação do campo. Muitas questões importantes são discutidas conceitualmente e entre muitas podemos destacar algumas: A educação do campo exige que seja pensada/trabalhada a muitas falas, envolvendo debates e muitas políticas públicas, pois ela abrange um debate nacional então pode ser discutida apenas em caráter universal nem muito menos particular. Segundo WALLERS (2008) a origem da perspectiva de educação da zona rural deve ser compreendida em seus vários aspectos,

Não devemos nem aceitar universalismo imperial (ou imperialistas) nem glorificar ou absolutizar particularismos, cada vez menores e ainda pior para ficar neles. O campo não é qualquer particularidade ele tem base de sustentação de vida humana. (WALLERS, 2008, p.15).

Nessa perspectiva podemos denominar a Educação do campo como um processo. Isso significa afirmar que esse tipo de educação possui uma dinâmica de consolidação a partir do espaço do campo e seus sujeitos ali inseridos. Pretendemos delimitar as diferenças entre educação no campo e educação rural. A característica principal da educação no campo é o seu caráter de deslocamento/movimento. Sobre essa afirmação, Martins (2014) discorre que esse movimento ou deslocamento é:

Constituído pelos sujeitos sociais que integram as realidades camponesas, e que, almeja vincular o processo de vida no campo com os pressupostos educacionais, aliando assim escola e vida, os pressupostos da cotidianidade rural e os processos educativos formais (MARTINS, 2014, p.21).

Pensar numa proposta como essa é entender que, ao fazer o relacionamento de escola e vida, a educação no campo visa, sobretudo, veicular o campo a um espaço não só de produção, mas de ocupação. Isso significa afirmar que os sujeitos envolvidos nesse processo terão reconhecimento de suas culturas, suas realidades circundantes e terão participação ativa no seio da sociedade. Desse modo, entender o processo de Educação do campo é denominar o campo como o espaço de existência, e não de sobrevivência, com todas as condições favoráveis à ocupação, tal qual são ofertadas na cidade. Esse tipo de educação pode sair do plano das aspirações para assumir um papel concreto na sociedade, sobre isso Martins discorre que:

As práticas construídas coletivamente, já ganham espaços consideráveis na realidade escolar brasileira. Como sua essência conflita com interesses socialmente estabelecidos para a educação, os avanços da educação do campo configuram-se como *ocupações* no embate político e ideológico. Propor uma escola do e no campo, opondo-se ao processo de racionalização das escolas rurais, e reverter esse quadro com a expansão dessa rede propondo a ocupação dos espaços pelos sujeitos neles inseridos. Outros indícios da referida ocupação podem ser evidenciados pelos elementos curriculares, preencher, ou melhor, ocupar disciplinas, atividades escolares com conteúdos relacionados à realidade camponesa é um exemplo dessa prática. Pode-se citar ainda o caráter metodológico, como a organização curricular por temas geradores, calendários específicos, e a pedagogia da alternância, são instrumentos que apontam para a ocupação consistente dos sujeitos sociais na escola que a eles pertence (op. cit. MARTINS, 2014, p.58).

O movimento educação do campo constitui de positividade e superação e a partir dele alguns pontos de reflexões se destacam: A educação do campo procede da educação no que se refere ao trabalho no campo. A escola pode ser o foco do contexto, ou seja, ela pode ajudar a alargar o olhar sobre o campo como o espaço não só de produção, contudo de existência de seus sujeitos em condições dignas.

Para tal, faz-se primordial que o espaço escolar adote uma perspectiva de educação emancipatória, revendo seus conceitos tradicionais e refletindo acerca das reais necessidades dos indivíduos que ocupam tal espaço.

Nesse aspecto o Brasil é um país que tem lutado para que essa prática educacional se torne possível a partir da origem da educação do campo, que refletiremos mais adiante neste capítulo.

2.2 A REALIDADE DA IDENTIDADE DO ALUNADO DA ZONA RURAL BRASILEIRA

No Brasil “apesar de uma década de considerável melhoria no tocante ao acesso a escolarização em que 96% das crianças de 7 a 14 anos estão matriculadas ainda permanecem os problemas de baixa qualidade e eficiência dos sistemas de ensino” (SILVA, 2008, p.63).

Sobre esse aspecto Bof afirma que “uma das restrições para o alcance da universalização com qualidade e o aumento dos índices de conclusão do ensino fundamental encontra-se relacionada à efetividade da educação no meio rural brasileiro” (BOF, 2006).

Essa realidade nos esclarece que no Brasil estamos caminhando a passos lentos com relação a uma educação de qualidade e para todos, mesmo ocorrendo uma diversidade de lutas, movimentos e metas, nossa realidade em relação ao sistema educacional no Brasil ainda é preocupante.

Dentre os índices mais baixos de escolaridade, a educação rural tem se destacado com mais baixo índice. Pesquisas do IBGE apontam que mesmo com o processo de urbanização ainda um quinto da população brasileira ocupa a zona rural. Diante dessa realidade, “o sistema educacional no Brasil apresenta um índice de analfabetismo elevado e a questão preocupante e a do meio rural dados do IBGE mostra que 29,8% da população adulta residente no meio rural é analfabetas e 6% das crianças de 7 a 14 anos não estudam e que, apesar de 65,3% dos jovens estarem matriculados 85% apresentam defasagem de Idade-série” (op. cit. SILVA, 2008).

Com base nesses dados, pode-se afirmar que a educação do campo no Brasil se apresenta ainda muito defasada. Vários fatores, tais como: Iniciativas visando diminuir gastos, trazendo os alunos do campo horas de viagem em condições precárias, desumanas e quando chegam às escolas no meio urbano são colocadas em situações; E para acirrar ainda mais essa situação, nas escolas do meio urbano, os alunos são colocados ou em salas distintas: “sala da roga” reforçando assim a dicotomia rural-urbana e, quando colocados em uma mesma sala onde são considerados atrasados pelos colegas do meio urbano, passam a assumir valores diferentes para serem considerados modernos”. (SILVA, 2003 p. 72). Com isso, determinam uma realidade extremamente escassa tornando a educação do campo unilateral da relação Cidade-campo. Os valores culturais dos alunos do campo são difundidos pela sociedade, estimulando a evasão de muitos jovens que, vendo seu espaço sendo desvalorizado, evade do campo para a cidade, Esse descolamento, muitas vezes, impedem o crescimento intelectual destes alunos.

Desse modo, o aluno do campo que evade para a cidade, sofre vários tipos de discriminação. São vários os depoimentos que nos revelam essa realidade. Observe o depoimento do aluno A:

No ano de 1993 com 17 anos de idade vim morar na cidade, devido à situação de vida difícil do sítio, muita vontade de vencer na vida, ao chegar à realidade foi outra. Um jovem simples teve que mudar de comportamento para poder enfrentar o preconceito dos colegas devido eu ser aluno do sítio era desprezado, todos chamavam o matuto do sítio e a forma que encontrei para vencer o preconceito, foi me tornar da pesada [...] Passei a usar drogas, beber e algo mais, com isso fui me tornando ausente, deixei de estudar e conseqüentemente perdi. Só aos 37 anos com a ajuda da família consegui vencer e retomar meus estudos e minha carreira. (C. S., 37anos, morador da cidade)

Embora a Lei de Diretrizes e Bases Nacional de 1996 ofereça à população rural uma base peculiar, houve pouco progresso. Somente em 2002 o Conselho Nacional de Educação ofereceu Diretrizes para a educação básica nas escolas do campo. Há uma reação da população rural em organizações, movimentos sociais em busca de reagir contra a exclusão social a que tem vivido desde a origem da

história da educação do campo. A luta visa, além de excluir o preconceito, valorizar mais a educação do/no campo.

2.2.1 A identidade do aluno do campo em questão

É evidente que a questão da identidade é um dos focos de problematização na contemporaneidade. Não pode ser mais entendida como singularizada, e sim plural, já que não se pode afirmar, nos momentos atuais, de identidade em relação ao sujeito, todavia, de identidades, de acordo com a esfera de pensamento em que se esteja trabalhando. O século XX fez o conceito tomar grandes proporções, trazendo-o para o centro, e conferindo-lhe essencialidade. Na época, identidade era sinônimo de singularidade, busca incessante pelo eu, aquele que difere do outro.

De acordo com Bauman (2005), para o moderno, o problema da identidade dizia respeito a como construí-la em sua solidez e estabilidade. Na pós-modernidade torna-se essencial não associar identidade à fixidez. Procura-se identidade, no entanto, numa época de opacidade do uno. A questão da identidade aparece reconstruída e redefinida, estendendo-se a diversos patamares, tais como o lugar, o étnico, o de gênero, o social e o territorial.

Questões culturais se resumiram à identidade, imprimindo o cunho de marcar territórios, apossar-se de legendas e rótulos. Mas como nos libertaremos dos rótulos? Não reduzir às questões culturais às identidades é tentar quebrar os rótulos.

Ser aluno da zona rural conferia ao indivíduo um rótulo sedentário social fixo e negativo pelas várias razões expostas ao longo deste capítulo. Entretanto a mudança da expressão rural para expressão campo se deu como um marco de identidade móvel e positiva. Foi através de um Movimento Nacional, cuja luta pelo direito da população rural, exigia uma educação do/no campo que consolidasse o conceito dessa Educação atrelada às condições dignas de vida do morador do campo. Como relata Caldare: “ Mais do que o direito da população ser educada no lugar onde vive defender o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua cultura e as necessidades humanas e sociais.

Esses sujeitos da educação do campo que, apesar de serem excluídos e marginalizados pelo processo de modernização da agricultura brasileira, lutam para

continuar sendo agricultores, lutam pela sua terra, por melhores condições de vida de trabalho, por uma identidade própria, para não saírem de suas raízes, lutam por direitos e que não desistem, resistem a tudo e a todos os que opuserem a sua luta. São sujeitos conscientes dos seus papéis sociais e múltiplos em suas realidades circundantes.

As políticas inclusão, os vários movimentos e os posicionamentos em prol da especificidade da Educação do Campo esbarram na crítica constante, ancorada no posicionamento a seguir: definir uma educação do campo é dicotomizar o sistema de ensino colocando o rural versus o urbano, campo versus cidade, o caipira versus o homem da cidade. Entretanto, por trás dessa negação da nomenclatura “Educação do campo”, o que se constata é a falta de uma política de extensão do conhecimento intelectual da vida urbana para a população camponesa que priorize dos saberes desse espaço. O que temos na realidade, é que a prática de ensino ofertada no campo se reduz aos saberes urbanos, desvinculados do contexto campestre, que em nada favorece ao habitante do campo em sua condição de existência.

A identidade do sujeito campestre de hoje nega uma identidade do sujeito rural. Isso obriga a uma mudança radical também no que se refere à educação. Não se quer mais uma educação rural mantenedora da relação de submissão do trabalho ao capital, mas uma educação enquanto emancipação humana. De maneira ampla, isso significa afirmar que o termo em questão assume aquilo que é realmente educar no campo, com isso elimina o pensamento de que a escola deve funcionar como uma extensão da escola nas cidades. Na verdade essa expressão delimita um espaço da identidade do sujeito do campo, pois na medida em que vem se consolidando como uma categoria, (comprovado pelos documentos educacionais), a educação do campo produz novas práticas e novos conhecimentos acerca do sistema educacional brasileiro. O campo deixa de ser o cenário bucólico e passa a representar o espaço de lutas e movimentos sociais, um espaço composto por uma cultura própria e costumes singulares, o tempo campestre também não é o mesmo da cidade, possui seu calendário próprio. Assim, os sujeitos campestres são sujeitos historicamente construídos distintos dos sujeitos que ocupam o espaço urbano.

Ao assumirmos esse conceito de educação do campo e das identidades de seu alunado, corroboramos com a ideia de que a extensão da escola urbana no campo não é mais suficiente nem eficiente. A legislação educacional brasileira aponta nas Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo,

no seu artigo 2º parágrafo único, os fatores que determinam a identidade da educação, da escola e conseqüentemente do seu alunado atentando para sua especificidade. Nesse sentido,

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2001).

2.3 A CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO

No Brasil, o trabalho no campo desenvolveu-se num amplo espaço e abrange um conjunto de atividades entre elas, a agricultura, a pecuária, a pesca e o extrativismo (VENDRAMINE, 2004 p.153).

Quando falamos sobre o crescimento do trabalho no Brasil com relação ao campo, nos deparamos com uma realidade diversificada de uma desigualdade social relevante, onde o que se vê é uma perspectiva de mudança para alguns estados brasileiros e outros que ainda não contemplaram esse crescimento.

Houve grandes transformações, a partir da metade do século XX, onde vivenciamos a participação do capitalismo querendo modernizar a agricultura no Brasil trazendo novas condições de lucratividade.

Segundo Goodman-Sorj e Wilkinson (1985) as políticas de modernização subsidiadas pelo o estado promovem a capitalização dos processos de trabalho rurais e mercantilização crescente da agricultura de pequena escala (VENDRAMINE 2012, p.123). Considerando a realidade rural e urbana nota-se o descaso tanto na cidade como no campo, principalmente do poder público.

Ainda que mantidas algumas especificidades da vida no mundo rural, observamos que as fronteiras entre o rural e o urbano estão cada vez mais dissipadas, tendo em vista a penetração do capitalismo no

campo e a transformação das relações sociais [...] (VENDRAMINE, 2004 p.153).

Nessa questão podemos identificar a participação dos movimentos sociais de reforma agrária propondo a redistribuição de terras, ocupando as consideradas não produtivas, sofrendo vários tipos de desvalorização, impondo apenas os seus direitos, lutando assim com a exclusão, e procurando não só o trabalho e o lugar para morar, como também escolas com educação para seus filhos. “Querem a reformulação das relações sociais e a ampliação dos direitos sociais”. (Martins, 1993, p.90). Dessa forma têm caminhado os trabalhadores do campo, ocupando espaços nas últimas décadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST) E trazendo uma nova realidade ao campo.

2.4 POR UMA EDUCAÇÃO NO CAMPO DE QUALIDADE

A Educação pública para os filhos de trabalhadores tem sofrido transformações desde a década de 1920. Apesar disso, a educação do campo continua precária. A expansão quantitativa da escola rural ainda não foi suficiente para mudanças significativas ocorrerem. O quadro se apresenta com professores não qualificados, problema de evasão e repetência e uma taxa significativa de analfabetismo superior a de alguns países. No espaço campesino esse índice é mais grave, segundo os dados do IBGE (PNDA, 2004). “O Brasil possui uma proporção de 11,4% da população de 15 ou mais de idade que declara não saber ler e escrever”. O projeto de uma Educação do Campo é válido, mas ainda precisa de muito empenho para tornar-se suficiente, uma vez que, como afirma Caldart (2004):

Um processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo ainda que incorpore uma rica discussão e mobilização social, tem limites em termos de capacidade explicativa, tendo em vista e já assinalada diversidade de

sujeitos, contextos, culturas e formas de produção e ocupação do meio rural (CALDART, 2004, p. 17).

O conhecimento se dá tanto no campo, como na cidade e vai muito além da escola, segundo Vendramine (2004):

Tomamos com base a concepção de formação como um processo em permanente construção, permeada de contradições e determinada por condições objetivas e subjetivas, em que os sujeitos sociais vão se constituído (VENDRAMINE 2004, p. 159).

Verificamos que o processo global na vida cotidiana das pessoas, associado às suas experiências vivenciadas refletem na capacidade de mudanças a partir do espaço de vida e do trabalho. Todas essas mudanças apontam para um cenário próprio na construção da escola no campo. Canário (2000) aponta para uma compreensão da escola a incluído do mundo rural para além dela própria. O autor afirma que pensar na escola é refletir em primeiro lugar sobre o espaço em que ela está situada, suas necessidades e fragilidades, como também suas potencialidades. Logo, a escola deve, fundamentalmente, rever seus conceitos e constituir um novo modo de vida e de trabalho para poder acompanhar as transformações da sociedade e de seus sujeitos em questão.

2.5 OS REFLEXOS EM TORNO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A educação do campo vem conquistando espaço nas políticas educacionais no Brasil. Pesquisas mostram que esses fatos têm demonstrado um alto de índice de desenvolvimento, entretanto ainda existe uma política de fechamento/ nucleação das escolas rurais, cujo objetivo é diminuir o número de escolas no campo e aumentar as multisseriadas. O quadro em questão apresenta sérias contradições. A indagação envereda para alguns questionamentos. Ocorre realmente crescimento no espaço rural? Como a escola do campo cresce?

Há realmente um desejo e uma necessidade que mudanças aconteçam na educação do campo, sobretudo no que se refere aos direitos básicos dos cidadãos que ali residem. Direitos esses relacionados a prioridades, tal como a educação, que contribui para um país melhor e mais desenvolvido. Vendramine (2012) argumenta que para questionarmos sobre uma boa educação do campo, faz-se necessário entendermos:

As razões sociais e políticas para a mobilização em torno de educação do campo, e continuarmos questionando a respeito do contexto social, das condições materiais para o desenvolvimento de uma educação do e no campo (VENDRAMINE, p.123. 2012).

Continuar no espaço rural e resistir às diversas formas de adaptações e transformações existentes é lutar para permanecer e tentar vencer, enfrentando o desemprego, a crescente pobreza e as grandes desigualdades sociais. São as lutas pelo reconhecimento de melhores políticas públicas para a educação do campo que justificam essa resistência.

Os movimentos sociais, especialmente O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) objetiva transformar essa situação no sentido de mudanças efetivas que, de acordo com Mészáros (2005, p. 76):

A nossa tarefa educacional é, simultaneamente a tarefa e uma transformação social emancipadora radical requerida e inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição a educação no seu sentido amplo [...]. E vice versa: ativa contribuição a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades de transformação social emancipadora e progressiva em curso.

O MST busca um meio de sobrevivência. Diante de suas estratégias de luta, com suas experiências de vida, torna-se resistente no processo de aprendizagem, pois luta por uma educação emancipadora e dialética, em que o aluno seja realmente sujeito de sua aprendizagem, para tal faz-se essencial que a escola

assume o caráter de contextualização das necessidades oriundas do campo. Nesse sentido, aprender significa “Atribuir sentido a uma realidade complexa” (CANÁRIO, 2000, p. 110).

A educação vivida pelos Sem-Terra é uma educação coletiva construída através de relações sociais, uma vez que representa um processo educativo presente nas lutas refletido no aprendizado da ocupação de terras, abrangendo discussões, através das reuniões, sobre a vida em acampamento, organização de trabalho e oferta de cursos desenvolvidos pelo MST, além das iniciativas escolares. Esse processo educativo conta com a rede regular de ensino vinculada às redes estaduais e municipais, de séries iniciais na sua maioria, e de séries do ensino fundamental, em alguns lugares oferecem escolas de ensino médio. O MST também proporciona a formação nível técnico. São cursos de formação ofertados em todo país em parceria com o programa nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA).

Hoje os assentados têm vários profissionais em diversas áreas. Com isso percebemos que o MST traz um novo conceito de escola, pois leva a escola até o educando e vivencia uma realidade diferenciada da tradicional, em que muitos deixaram de aprender, por não poderem ir até a zona rural para estudar, até hoje são analfabetos. Não é necessário deixar de estudar por estar lutando. Como vê Fogaça:

Não bastam ter quadros, giz, recursos, áudios visuais, tem de construir e não chegar com receitas. Tende trazer elementos e recarregar as baterias e suportes que cada educado apresenta em termos de energia e vontade de aprender (FOGAÇA, 2003, p.108).

Nesse contexto, os movimentos sociais do campo têm lutado não só por uma reforma política agrícola, mas também por uma educação com escolas, historicamente excluídas das políticas públicas. É uma luta incansável para a valorização social dessa classe do campo, que sofre a exclusão e o preconceito no seu dia a dia. Contudo, o MST, apesar de está envolvido com a transformação da educação do campo, almeja algo maior, pois ao desenvolver ações educativas oportunizando a criticidade de seus sujeitos e ao desenvolver a formação desses sujeitos os prepara para uma ação essencialmente política.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: NA PEQUENA CIDADE DE APARECIDA – PB

Neste capítulo é apresentado o estudo de caso realizado em uma escola de Ensino Médio do sertão paraibano, na qual foram aplicados textos aos alunos, investigando o uso da prática do preconceito e a exclusão na escola.

3.1 A REALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso, segundo Gil (1999), trata de uma abordagem investigativa não rígida da sociedade, quando procura aprofundamento em aspectos do objeto estudado. Neste trabalho monográfico há estudo de um universo de duas turmas de ensino fundamental da E.E.E.F.M. Dr. José Gadelha, escolhidos de forma aleatória no período de 10 a 30 de outubro de 2013.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ONDE FOI REALIZADA A PESQUISA

Foi fundada a Escola Estadual Dr. José Gadelha, dia 15 de janeiro de 1951, no governo do ex-prefeito de Sousa, Oswaldo Trigueiro de Albuquerque já que o município de Aparecida era um distrito de Sousa e só teve sua emancipação no ano de 1994. O nome da escola foi uma homenagem em memória ao promotor público Dr. José Gadelha assassinado em cumprimento do seu dever, no Distrito de São Francisco- PB por um cabo da Polícia da Paraíba. Antes na instituição só funcionava o ensino fundamental e no ano 2004 passou a atender os alunos do Ensino Médio. Hoje, além do fundamental e médio, possui Educação Jovens e Adultos (EJA).

A escola está localizada no centro da cidade e mesmo sendo de pequeno porte, com cerca de sete mil habitantes, o trânsito é movimentado, devido o município ser cortado por uma rodovia federal, a BR 230, acesso para outras cidades do sertão da Paraíba e para outros estados. A vizinhança da escola é composta por várias residências e poucos estabelecimentos comerciais.

O quadro docente é formado por 23 educadores, dentre eles 18 com nível superior completo e os demais cursando licenciatura. Os pais dos alunos são formados por agricultores, comerciantes e alguns funcionários públicos. Sobre as condições físicas da escola, o prédio próprio está localizado na zona urbana, no centro da cidade. Possui nove salas de aula, 5 banheiros sendo 1 para deficientes mas apenas dois são utilizados porque os outros estão quebrados. Não possui cantina e nem refeitório. Existe uma cozinha para a preparação da merenda, consumida pelos alunos nos corredores da escola ou até mesmo dentro da sala de aula.

Possui rampas para o acesso de pessoas portadoras de deficiência física, mas não possui salas para professores, que foi cedida para o funcionamento do laboratório de informática, que tem 19 computadores.

O espaço destinado aos professores durante o intervalo de aulas é uma mesa próximo à secretaria. A escola também não dispõe de sala para coordenação pedagógica. A supervisora fica na secretaria com os demais colegas. Possui uma sala para diretoria onde ficam arquivados os documentos da escola, bem como uma biblioteca que tem uma grande quantidade de livros.

Quanto as suas dimensões, a escola mede 31,30 de frente e 67,80 de fundo totalizando 690m² com área disponível de 1.432,14, mas estes dados não estão atualizados depois da reforma de ampliação pelo qual passou. Pode-se dizer que a escola está em bom estado de conservação, sendo que alguns ventiladores estão quebrados, bem como algumas mesas riscadas e quebradas.

A escola funciona nos turnos matutino das 07h00minh às 11h15minh, vespertino 12h45 às 17h00 e noturno, 18h30 às 22h05, nas modalidades do Ensino Fundamental II com 6º, 7º, 8º e 9º anos no turno matutino e vespertino, Médio 1º, 2º 3º anos no turno matutino e vespertino e EJA com 5º, 7º do fundamental e 1º e 3º do médio no turno noturno.

A referida instituição possui 10 salas de fundamental II, sete salas de Ensino Médio e 04 salas de EJA totalizando 579 alunos sendo 174 alunos no turno matutino, 265 no turno vespertino e 88 no turno noturno. Não possui assistência psicopedagógica, não oferece reforço escolar, nem sala de leitura, possui um pátio de terra que se torna palco, quando necessário. A escola também não tem quadra poliesportiva coberta. Os alunos fazem educação física no Ginásio Municipal localizado na saída de Aparecida para São Francisco.

O planejamento escolar acontece semanalmente junto a equipe administrativa e pedagógica, as reuniões de pais e mestres acontecem Bimestralmente, a cada término do Bimestre.

3.3 A FALA DOS ALUNOS

A investigação de campo ocorreu a partir da aplicação de textos com um grupo de duas turmas de ensino fundamental. A escolha da população foi feita de forma aleatória. Por questões éticas suas identidades foram preservadas e assim foram letradas, sendo tratados como aluno A, aluno B e assim sucessivamente até o aluno M. A primeira questão tratava da cultura do lugar.

Aparecida, conhecida como canto, como toda cidade do interior do sertão, viveu a sua história que é marcada pelo descaso político na educação. Vários momentos dificultaram o processo de desenvolvimento, no que se refere à educação devido ao esquecimento do poder público. segundo Deoberto (2009):

[...] Tínhamos em Aparecida todas as condições favoráveis para não sermos nada: Distrito esquecido pelo poder público, sem o mínimo de infraestrutura sem condições de trabalho. Éramos filhos de agricultores, deslocávamos para a cidade vizinha Sousa para estudarmos, muitas vezes, voltando a pé 19 km, às vezes pegava carona, mal alimentávamos, sem comida com a esperança e vontade de vencer, pois não havia escola [...] (DEOBERTO, 2009 p.27).

Esses alunos que se deslocavam do canto, hoje Aparecida que era distrito de Sousa na década de 90, pra estudar, viveram a realidade, que ainda hoje muitos alunos do campo vivem, se deslocam de seus sítios, em situações precárias, desumanas e que apesar de tudo sofrem o preconceito e a exclusão social.

Os alunos aos qual a pesquisa se refere, são alunos do campo que frequentam escolas urbanas, mas que os recursos pedagógicos não facilitam para um bom desempenho educacional dos mesmos, como é o caso da escola da

pesquisa que é urbana mais abriga a população estudantil das comunidades vizinhas, tornando-a uma escola na sua maioria de alunos são do campo.

O que podemos notar é que esses alunos sofrem com a desvalorização social no que se refere as praticas pedagógicas em que o estado promove e com isso podemos entender que a historia prevalece com o fator de vivermos, numa sociedade desvalorizada, que tem uma trajetória histórica de educação, marcada pela precariedade de atrasos, insignificância instiga-nos a refletir sobre as práticas pedagógicas, em escolas urbanas que recebem alunos da zona rural. Leite (1999, p.13) enfatiza que:

A falta de interesse do Estado em promover uma política educacional adequada ao homem do campo contribuiu para a descaracterização da sociedade campesina uma vez que privilegia o povo urbano, mediante o processo de industrialização da agricultura.

Mesmo sabendo dos limites desse tipo de expressão, há grande vantagem de condicionar uma maior reflexão sobre a situação do aluno do campo, uma vez que esta não é uma categoria construída e usada por eles, mas por outras instituições. Uma cultura diferenciada, para quem reside no sítio e na cidade. Para Lefebvre (1991), a “[...] vida urbana compreende mediações originais entre cidade, o campo, a natureza”.

Nesse aspecto é importante identificarmos que o aluno que vem do campo, com seu modo de vida diferente, pode ser visto com olhares preconceituosos devido à cultura do local com relação ao meio urbano. Para isso cabe uma reflexão no contexto de cultura. Quando Lefebvre reflete sobre a vida urbana mediando: cidade, campo e natureza, nos dão a compreender, que se viver a ideia natural não importa se é do campo ou da cidade, faz parte da natureza.

A cultura não pode diferenciar um ser social do outro, por nenhum motivo, como afirma Lefebvre (1991):

No entanto, ser pertinente acrescentar entre o conceito de urbano e o conceito de rural uma terceira ideia: uma região de transição em cidade e campo que é os bairros das periferias das cidades [...].

Observamos que os habitantes vivem ainda sobre um modelo camponês em transformação constante a procura de adaptação de um modelo de vida na cidade. (LEFEBVRE, 1991, p. 42).

Lefebvre afirma que, além do conceito existente entre urbano e rural, cidade e campo é importante notar que a população vive em busca de uma figura de modelo, onde o que se encontra na cidade deva existir no campo. Quando a cultura de cada povo designa a sua qualidade de vida.

O objetivo maior desta pesquisa é observar de que forma é tratado o aluno do campo na escola, porque há uma preocupação com aspectos negativos no seu índice de aprendizagem e o seu comportamento. Como podemos observar na fala da aluna B: “Eu sofri preconceito, ouvi os meus colegas dizerem que: quem é do sítio é matuto, não sabe de nada, isso mexeu muito comigo e me machucou bastante” (F. A.11 anos. 6º ano).

Textos elaborados por duas turmas do fundamental II. Uma o 6º ano e outra o 9º ano EJA (Ensino de Jovens e Adultos) do campo e da cidade foram escolhidos devido à necessidade de dialogar o cotidiano entre os conhecimentos e informações produzidas por instituições, como a escola, sendo eles próprios responsáveis, pela construção da ideia de ser aluno do campo e dos valores que os orientam.

São textos escritos por alunos de faixa etária de 11 a 78 anos, que mostram uma realidade etária importante para a realização deste trabalho, pois especifica que toda idade pode refletir conosco essa realidade praticada e vivenciada por alunos e professores. Valores como: Otimismo, menor responsabilidade, maior liberdade para falar o que pensa, poder se divertir, pensar mais no futuro e ao mesmo tempo se preocupar com as questões sociais. No sentido atribuído por Abram (2003):

Mesmo que o critério de idade seja o mais importante para definir a juventude, valores, sentidos e significados específicos construídos a partir de sua inserção em mundos específicos, o fazem vivenciar uma situação juvenil específica (ABRAM 2003).

Evidentemente, no caso de analisá-los, é necessário para atender os itens do vocabulário, das condições das escritas, do interesse em escrever e na diferença

entre expressar suas impressões através da fala e da escrita, embora, as mesmas constituem rico material a ser analisado.

Ao ler os textos, escritos pelos alunos do campo nota-se que na maioria deles associam a exclusão ao ser do campo e os da cidade na sua minoria relacionam o preconceito a outros fatores. Como nesse texto da aluna C, moradora da cidade: “Pode designar desigualdade social, miséria, fome, injustiça, exploração econômica”. As primeiras experiências que levamos em consideração é que na análise da pesquisa continuamos percebendo que o aluno da cidade talvez, devido a não sofrer esse tipo preconceito, sempre descreve sobre o assunto como um problema que parece bem distante.

Observe o depoimento da aluna D, sexo feminino moradora da cidade:

A inclusão é uma das características contemporâneas da sociedade que são apresentadas como a nova questão social, no entanto a caminho desta construção será a luta pelo reconhecimento e pela recuperação do espaço da exclusão (J. N, 27 anos, 9º EJA).

Como podemos observar, no texto da aluna, há uma realidade vivenciada de questão social, no que se refere ao espaço inclusão. Percebe-se ainda nos dias atuais a exclusão prevalecendo no meio social, deixando uma lacuna de problemas que ocasionam situações indesejáveis na vida social da humanidade, é notório ainda no Brasil esse diagnóstico.

A ideia proposta neste trabalho é observar e considerar que todo cidadão brasileiro merece o seu lugar de destaque na sociedade e para isso é necessário que as propostas venham ser lidas e ouvidas para que assim possam ser analisadas e discutidas com sucesso.

Embora tenha dado ênfase e exclusão social geral, o aluno do campo, aparece como condição única, diferenciada, no caso deles pelo o lugar onde vive. Vergonha de expressar onde mora, uma dificuldade devido à timidez de falar sobre o assunto.

Vejamos o que diz a aluna E, moradora do sítio: “Porque é um sítio ai o povo tem preconceito, porque eu moro lá, só porque é um sítio” (A. P, 12 anos, 6º Ano). Para a maioria deles, esses elementos diferenciam os jovens rurais dos urbanos:

Morar nos sítios, trabalhar, ajudar os pais, ter uma relação com a família isso não faz com que o aluno do campo se torne diferente. Vejamos ainda o que diz a aluna F moradora do sítio: “Sofri bastante com os meus estudos, primeiro com preconceito, as pessoas me tratavam diferente porque eu era do sítio” (M.D 24 anos, 9º EJA).

“Sobre esse aspecto Wanderley afirma que: “Não apenas como o lugar onde se mora, mais no qual e do qual se constroem sentidos e significados que norteiam as identidades sociais dos atores que nele habitam” (WANDERLEY, 2002).

O lugar social é o ponto de partida para a identidade do aluno campesino, pois o modo de vida desses alunos constitui “o conjunto de processos de organização das respostas dos atores sociais (indivíduos ou grupos) a sua condição de vida; é a maneira que tem o ator de produzir sua vida a partir do que a vida fez dele”. (CURIE ET ALII, 1986 Apud, WANDERLEY, 2002).

Características apontadas pelos alunos, com reflexões de diferenciação são discutidas na maior parte dos relatos dos jovens, que apontam para uma negatividade, sobre a inclusão dos alunos do campo, na escola. Dentro deste aspecto, podemos citar alguns fatores que contribuem para essa prática exclusivista: um deles são os transportes, que dificultam o acesso do aluno até a escola.

Podemos perceber na fala da aluna G, moradora da cidade, ES moradora do sítio:

Socialmente existe preconceito com os alunos do campo, pois não sabem a realidade que eles passam para chegar até a escola, aonde muitos vêm com fome, para não perder seu único Meio de transporte. (M.A, 18 anos, 9º ano EJA).

Outro fator apresentado aponta o rural como o espaço de dificuldade e da falta, principalmente no que diz respeito ao acesso a serviços importantes, no caso de educação. Como descreve a aluna H, moradora do sítio:

Desde criança eu queria muito estudar, mas não tinha nenhuma oportunidade ficava muito triste ver as outras crianças estudando e eu não tinha condições porque não tinha transporte e eu morava muito distante da cidade. (M.A, 30 anos, 9º EJA,).

Não ter acesso à escola é um fator negativo, isso é discutido na questão dessa aluna, por não poder estudar em seu lugar de habitação, devido não haver ensino adequado ao seu nível, pois onde mora é um sítio. Nessa fala podemos observar qual o valor da educação para os jovens que desejam ingressar uma carreira de vida melhor. Também se observa que eles encontram dificuldades, e mesmo assim saem do seu local para ingressar numa carreira estudantil, mesmo que isso venha acarretar sofrimento devido às situações difíceis em que muitos deles vivem.

Essa jovem, que fez esse relato, ela juntamente com duas irmãs, enfrentam a distância de moradia do sítio, onde elas residem a tantos quilômetros, para a cidade à noite, pois é o único horário em que elas podem estudar e ainda ajudam os pais na lida em casa para o sustento da família.

Vejamos o que Wanderley (2001, p.10) atribui sobre o lugar onde se vive: O lugar de vida, “Lugar onde se vive particularidade do modo de vida e referência “Identitária” e lugar onde se vê e se vive o mundo a cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional”.

A partir da visão de Wanderley, a identidade de cada um depende do modo de vida particular, da forma pela qual vivemos repercute a nossa vida. Como valorizar o lugar onde mora, se lá não encontramos o que necessitamos?

Mesmo assim com todas as dificuldades é interessante notar que esses alunos buscam valorizar a sua condição, denotando assim a uma identidade associada ao seu espaço, mesmo não sendo o espaço proporcionar mais condições de vida, ele procuram de alguma maneira, alcançar seus objetivos lutando para vencer os desafios, como podemos vê na fala da aluna I, moradora do espaço campesino:

Devemos lutar por um País melhor livre de preconceito. Para isso precisamos lutar pelos nossos direitos. Socialmente o preconceito existe no que se refere o aluno do campo, eu acho que eles deveriam ser mais valorizados porque é mais difícil chegar até a escola, pois os mesmos enfrentam muitas dificuldades. (M.D 24 anos, 9º EJA).

A falta de ensino adequado, em seus lugares e as dificuldades encontradas, não deve tornar diferentes seres humanos que se esforçam para ter uma vida melhor.

Mesmo que existam escolas em muitas comunidades rurais, há também transporte escolar, caso esses alunos necessitem de níveis mais elevados para conseguirem os seus objetivos. Por isso, é preciso haver um deslocamento até a cidade.

As dificuldades de acesso a uma educação privilegiada no seu próprio lugar de moradia diferenciam o aluno do campo em comparação aos da cidade, é o lugar onde vive, como um dos fatores negativos nessa diferenciação. Vejamos o que Vendramine (2004) descreve:

Que a amplitude da educação seja no campo ou na cidade, considerando os diversos espaços e formas de aprendizagem para além da escola”. Tomamos como base a concepção de formação como um processo em permanente construção (VENDRAMINE, 2004, p.159).

3.4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Em Aparecida não poderia ser diferente o MST (movimento social dos sem terra), vive em lutas e conquistas em movimentos educativos que ficaram registrados na história de um povo que luta em função de uma vida melhor e que sofre com a exclusão, na sua prática diária, como relata este texto escrito por uma professora que viveu a experiência de participar do primeiro MST da história da cidade. Maria da Guia (2012):

[...] Em 02 de dezembro de 1994, apoiados por entidades como a CPT (Comissão Pastoral da Terra), sindicato dos trabalhadores rurais, pastorais e outros ali acompanharam com o objetivo de lutar, conquistar a terra e conseqüentemente de lá tirar o sustento. Foi uma luta intensa, muitas pressões, perseguições, discriminações, prisões e desavenças, mas que finalmente em 1995 o INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) criou o Assentamento Acauã, o

primeiro do Município de Aparecida – PB, na região de Sousa que abrigava 114 famílias (600 pessoas). Provenientes dos mais diversos Municípios como: Triunfo, São José do Rio do Peixe, Cajazeiras, Uiraúnas, Bonito de Santa Fé, Marizópolis, Sousa, Pombal, Catolé do Rocha, Riacho dos Cavalos, Aparecida entre outros [...] (MARIA DA GUIA, 2012 p.1).

Com relação à escola estudada e os movimentos sociais, a mesma tem em sua história, a participação do MST, (Movimentos Sem Terra) com grande contribuição na vida social do aluno do campo, várias comunidades surgiram como assentamentos e uma grande maioria de alunos faz parte da escola. Os mesmos são considerados importantes no crescimento e desenvolvimento urbano e rural. Assentamento acauã foi o primeiro e nova vida I, o mais recente da história, ainda em processo de lutas e conquistas. Sobre isso Canário discorre que:

Devido às estratégias coletivas de sobrevivência, criadas pelos os Sem terra, num contexto de vida e do trabalho desvalorizado tanto no campo como na cidade, nos faz crer que o movimento dos Sem terra através de suas estratégias de sobrevivência com experiências de assentamentos e acampamentos em si é educativo. Aprender significa: Atribuir sentido a uma realidade complexa (CANÁRIO, 2000, p.110).

Conforme Canário fala, essa experiência é vivenciada pelos alunos do campo, vindo eles de assentamentos, que nas suas falas demonstram esforço, dedicação e que valorizam o seu lugar mesmo diante de tanta negatividade vivida por eles próprios, sofrendo o preconceito e sendo excluídos.

Como descreve Vendramine (2004): "A educação do campo ganha um novo sentido, quando associada a um movimento social que defende a educação articulada com criação de condições materiais para a vida no campo".

Devemos ter a responsabilidade de lutar pela transformação social e observar o comportamento de ambas as partes e tentar entender o urbano e rural no que se refere à exclusão.

E importante destacar, que alguns dos textos que foram escritos por alunos de assentamentos, trazem uma grande reflexão sobre o comportamento diferenciado do aluno do campo dentro deste contexto; exclusão social e tal

dificuldade são mostradas como um problema, mas para esses alunos, são também utilizadas como mais um dos elementos que identificam o aluno do campo como corajoso e forte, que mesmo sendo considerado um lugar de atraso e dificuldades, há muitas reflexões sobre o lugar onde vive como especial lindo, de grande valor.

Como vemos no texto o que diz o aluno J, morador de assentamento:

Moro em um sitio é um lugar tranquilo muito movimentado tem um campo de vôlei, estão construindo uma praça, um posto médico, tem igreja, tem um prédio de associação, acontecem eventos, comemorações, tem uma pocilga e uma mandala. (G. T. 12 anos, 6º Ano).

De alguns textos que se referem ao tema abordado, este último foi escolhido para demonstrar a importância desse movimento na vida social e educativa desses alunos, que apesar de morar em um assentamento, lugar desvalorizado pela sociedade, é identificado por esse aluno, como uma comunidade, com algumas diferenças de uma cidade, mas que na sua visão de ser humano é um lugar bonito de se vê e morar, o contato com a natureza é algo que o aproxima do rural. Algumas oportunidades ele vê proporcionadas pelo lugar onde vive, com isso contemplamos a grandeza do ser humano em não se abater por nenhum tipo de exclusão.

Discutir a prática da educação escolar a partir da participação do MST, nesta pesquisa nos trouxe a reflexão de que o aluno do campo e seus envolvimento nos assentamentos proporcionam aspectos positivos, no cotidiano social deles, referindo-se ao lugar onde vive, como especial e as práticas discriminatórias, como apenas um desafio para poder conquistar a realização dos seus sonhos.

Preparar para a vida, portanto, perpassa também o processo formativo desenvolvido na escola e ultrapassa um sentido individualista. A educação é, portanto uma prática política, a partir da proposta de transformar a realidade social, transformando em coletiva com a participação de todos os alunos urbanos e rurais, enfrentando diferentemente certos contextos em nossa formação social.

Dentro da realidade Social e Educativa em Aparecida, embora as comunidades tenham educação infantil básica faltam aos jovens do campo níveis de estudos mais elevados, para que os alunos do campo não necessitem abandonar as suas raízes tão cedo e ter que sofrerem danos que venham até mesmo prejudicar a sua

educação, devido ao uso da prática de exclusão que ainda rodeia a nossa sociedade.

Especialmente no Brasil temos que levar em conta o aspecto sociocultural onde a modernização do campo gerou grandes desigualdades. Nesta perspectiva, o espaço rural é ideologicamente caracterizado pela oposição ao urbano como o espaço da carência e do atraso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo feito, pode-se afirmar que foi possível atingir o objetivo central do trabalho, já que identificamos alguns problemas que ocasionam o uso do preconceito e da exclusão social do aluno do campo na E.E.E.F.M. Dr. José Gadelha, a partir da visão de um grupo de alunos. A pesquisa realizada possibilitou discutir o conceito de inclusão e a realidade de um projeto que foi colocado em prática e que pode contribuir como aprendizagem sobre o tema.

Quanto à hipótese de que os alunos da escola investigada estariam vivenciando o uso do preconceito relacionado à exclusão na escola, há uma realidade nesse sentido, quanto mais conscientização melhor fica para a sociedade entender o papel de cada cidadão, por isso necessitamos de mais projetos de conscientização adequados para inserir de fato esse aluno do campo nesta prática de inclusão em seu cotidiano de sala de aula. Esse não foi o desafio mais citado pelo grupo de alunos participantes do estudo.

Os problemas mais apontados envolveram questões de apoio do poder público no aspecto de estradas, mais educação em suas comunidades, baixa qualidade de vida econômica nos sítios e o grande desafio da igualdade social que diferencia o aluno do campo aos da cidade.

Se quisermos transformar a sociedade de maneira igualitária, isso deve ser feito com a implementação de processos planejados, que envolvam mais pessoas formadoras de conhecimento, e que transformem a nossa sociedade numa realidade, a partir da utilização do uso das práticas inclusivas na vida social do aluno do campo. Tais problemas identificados independem da formação docente, porque envolve questões sociais. Logo, o acompanhamento na escola da utilização dessa prática exclusiva deve ser cuidadoso.

Outra questão levantada nesta investigação diz respeito aos alunos da cidade, que de forma indevida, muitas vezes, acabam sem querer por prejudicar o seu colega. Neste sentido, a escola deve incluir reflexões e práticas de uso da Inclusão na educação, por meios de integração de um novo universo e interesses aos objetivos educativos.

Assim como acontece na escola estudada, esse processo de exclusão acontece em muitas escolas, dificultando muito a vida do aluno do campo na sua

prática educativa, gerando até um desconforto em boa parte das escolas, conforme conversas e informações obtidas nos encontros desta especialização, nos quais podemos também discutir os projetos e desafios que a escola enfrenta na atualidade.

Portanto, deve haver a inclusão do aluno do campo por meio de projetos sociais, ou qualquer outra forma, que tenha a escola como alva principal, e se pareçam com interesses pedagógicos, para que haja um maior êxito.

REFERÊNCIAS

ABRAMO (2003, p.167)

BOF. A. M. (org.) (2006). **Panorama da Educação do Campo**. Brasília: INEP/MEC.

CALDART, RS (2004). **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**.

CANÁRIO, R. **A escola no mundo rural: com tributos para a construção de um objeto de estudo**. Educação, Sociedade & Cultura, Lisboa, n.14, p. 121-139, 2000.

CANÁRIO, R. **Educação de adultos: um campo e uma problemática**. Lisboa; EDUCA; ANEFA, 2000.

COLETÂNEA DE TEXTOS DIDÁTICOS: Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas interdisciplinares. DISCIPLINA: **Concepção e Fundamentos da Educação do Campo**.

FERREIRA, D. L. **Era assim Aparecida a minha terra natal**. Joao Pessoa: P.B, 2009.

FOGAÇA, J. Um caminho de muitas marcas: a luta dos sujeitos da Escola itinerante no Rio Grande do Sul. In: ITERRA; Setor de Educação do MST. **Alternativas de escolarização dos adolescentes em assentamentos e acampamentos do MST**. Verenópolis, 2003, p. 97-119. (Cadernos da ITERRA, 8).

LEBREVE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITE, Sergio Celani. **ESCOLA RURAL**: urbanização e política educacional. São Paulo: Cortez, 1999.

LOURDES HELENA DA SILVA Universidade Federal de Vi cosa (Brasil) Silva, Lourdes Helena (2008). **Educação do Campo e Pedagogia da Alternância**. A experiência brasileira. Texto da conferencia proferida na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, a 17 de maio de 2007. Sfsifo. Revista de Ciências da Educes, 05,pp. 105-112.

MESZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA (MST). Agenda do MST, 2004. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM – TERRA (MST). Disponível em www.mst.org.br

SILVA, L. H. (2003). **As Experiências de Formação de jovens do campo. Alternância ou Alternâncias?** Vicosas: Editora UFV.

VENDRAMINI, C. R. **A escola diante do multifacetado espaço rural**. Perspectiva, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 145-166, jan.-jun. 2004.

ANEXOS

ENTREVISTA COM O ALUNO A:

1 Qual é o seu nome?

R: Claudeni da Silva Cardoso.

2 Quantos anos você tem?

R: 38 anos.

3 Onde você mora? Atualmente?

R: Aparecida, PB.

4 Sempre morou aqui em Aparecida?

R: Não, morei no sítio desde que nasci, até os 17 anos, aonde vim morar na cidade.

5 O que trouxe a morar na cidade?

R: A busca por uma vida melhor.

6 Encontrou essa realidade de vida melhor na cidade?

R: No começo não, devido a exigência da sociedade em ser uma pessoa diferente, pois era humilde, simples, cheio de valores que não condiziam com a realidade da cidade, me desviei desses valores e passei a usar drogas a andar com más companhias e a me prostituir, isso fez com que eu deixasse de estudar e impedisse a minha carreira estudantil.

7 E hoje como está o senhor?

R: Repensei os meus valores do sítio, sou uma pessoa calma e tranquila, deixei de usar drogas não me prostituo mais, sou casado e voltei a estudar aos meus 35 anos.

(C. S, 37 anos, morador da cidade).

TEXTO DA ALUNA B

Eu gosto muito de estudar, na escola a gente aprende a ler e a escrever, comecei a estudar desde os meus cinco anos, lá todo mundo é reunido e respeitadores, lá tudo é organizado os professores são ótimos, a diretora também é boa, as merendeiras também, essa é minha vida na escola ela é muito boa.

Eu sofri preconceito ouvi meus colegas dizerem que: Quem mora no sítio é besta, matuto, não sabe de nada, isso mexeu muito comigo e me machucou bastante.

(F.A, 11anos, 6º ano)

TEXTO DA ALUNA C

Exclusão social é um tema da atualidade, utilizado nas mais variadas áreas do conhecimento, mas com sentido nem sempre muito preciso ou definido. Primeiro de uma série de artigos, nosso intuito é oferecer uma visão esclarecedora a respeito.

Pode designar desigualdade social com miséria, injustiça, exploração social e econômica, marginalização social, entre outras significações, de modo amplo, exclusão social pode ser encarada como um processo sócio histórico caracterizado pelo recebimento de grupos sociais ou pessoas, em todas as estâncias da vida social, com profundo impacto na pessoa humana, em sua individualidade.

(J.F, 35 anos, 9º EJA)

TEXTO DA ALUNA D

A inclusão é uma das características contemporâneas da sociedade que são apresentados como a nova questão social.

No entanto o caminho desta construção será a luta pelo reconhecimento e não pela inclusão, será a luta pelo poder de ir pela a recuperação do espaço da exclusão, pela valorização das realidades que, por não se reprimir a lógica capitalista podem oferecer resistência necessária para abrir caminhos para a efetiva cidadania.

(J. N, 27anos, EJA)

TEXTO DA ALUNA E

Vejo o preconceito e a exclusão da educação no campo de forma brusca, com isso é importante que lutemos para que isso acabe. Pois ainda hoje existe muito preconceito pela parte dos colegas e professores. Só porque moramos no sítio. Porque é um sítio aí o povo tem preconceito, porque eu moro lá, só porque é um sítio.

Eu mesma participei do projeto e gostei muito, escrevi sobre a cultura do meu município, que foi poesia e outras culturas como a fabricação do queijo e do doce de leite. Escrevi também escrevi um texto onde me emocionei muito, sobre a vida estudantil, onde sofri muito preconceito e exclusão de alunos e professor.

Enfim o projeto foi bastante importante para mim e para meus colegas, todos participaram junto.

(A.P, 12 anos, 6º ANO)

TEXTO DA ALUNA F

Sofri bastante com os meus estudos, primeiro com preconceito, as pessoas me tratavam diferente porque eu era do sítio.

Na minha infância estudei em várias escolas municipais e estaduais, mais teve um acontecimento que até hoje eu não esqueci, foi com o motorista da cidade do vale do Piancó, onde eu morava.

Eu sempre fui dedicada aos meus estudos, para chegar à escola era 15 quilômetros de distância eu precisava sair de casa às 17:00 para ir estudar, mais dos 5 dias da semana eu só ia 3 pois o motorista faltava bastante, só queria receber o seu salário, não estava nem preocupado com nós alunos, mais como eu sempre fui justa, era eu que assinava a folha de ponto, os dias que ele faltava eu colocava falta nele, num certo dia ele me expulsou do carro e disse-me se quiser estudar vá a pé, ele queria que meu pai pagasse em dinheiro as suas faltas. Meu avô falou com ele e deu tudo resolvido, e assim foi um resumo da minha infância na escola onde sofri bastante.

(M.D 24 anos, 9º EJA).

TEXTO DA ALUNA G

Falar sobre esse tema e tirar minhas duvidas para saber mais sobre o respeito do próximo como a si mesmo. Também foram realizados debates, nós fizemos vídeos com a cultura da nossa terra e do município.

Socialmente existe preconceito com as pessoas do campo, pois não sabem a realidade que do que eles passam para chegar ate a escola aonde muitos vêm com fome, para não perder seu único meio de transporte, por isso eu achei muito importante a realização desse projeto.

Foi feito texto onde fizemos pesquisas através de relatório, fotos, vídeos e ate trouxemos algumas pessoas.

(M.A, 18 anos, 9º ano EJA).

TEXTO DA ALUNA H

A temática da exclusão social em qualquer cenário, incluindo o Brasil é vasta, polissêmica e multifacetada em suas variações e nuances. Em função desse desempenho multidimensional e da abrangência do tema, delimitou-se na presente reflexão acadêmica a trilogia da exclusão: índios negros e mulheres. O tema foi muito importante falar do preconceito e a exclusão reflete social todas as culturas da cidade e da educação em todos os municípios e no campo.

Desde criança eu queria muito estudar, mas não tinha nenhuma oportunidade ficava muito triste ver as outras crianças estudando e eu não tinha condições porque não tinha transporte e eu morava muito distante da cidade.

E claro que existem inúmeras outras minorias que são igualmente discriminadas e vitimadas pelo preconceito e em decorrência merecem ser discutidas, analisadas em qualquer contexto sócio antropológicos. E perceptível então que a delimitação aqui procedida foi meramente metodológica sem nenhuma conotação hierárquica.

(M.A, 30 anos, 9º EJA,).

TEXTO DA ALUNA I

Comecei a estudar com seis anos em uma escola estadual em Sousa em um bairro chamado mutirão, era muito bom estudar, junto com minhas irmãs e primas.

Foi um pouco difícil, pois meus pais não tinham muitas condições financeiras para comprar todas as matérias escolares, pois eram 6 filhas estudando e só podia comprar um cadernos e um lápis e uma borracha onde levava meu caderno em um sacola deste então já comecei a sofrer exclusão por parte de algumas meninas na escola, mais ano seguinte graças a Deus as coisas foram melhorando e já tinha bolsa e todos os materiais. Mas nunca me estressei com isso e nem desanimei.

E agora depois de sete anos que eu tinha parado de estudar resolvi voltar a estudar então mais uma vez sofri exclusão agora por parte do meu esposo que dizia mulher casada não pode estudar, mais enfrentei primeiramente com coragem em Deus e deu certo, Deus mudou o pensamento dele e agora ele me apoia e quer que eu termine meus estudos.

Devemos lutar por um País melhor livre de preconceito. Para isso precisamos lutar pelos nossos direitos. Socialmente o preconceito ainda existe no que se refere o aluno do campo, eu acho que eles deveriam ser mais valorizados porque e mais difícil chegar ate a escola, pois os mesmos enfrentam muitas dificuldades.

(M.D 24 anos, 9º EJA).

TEXTO DO ALUNO J

Eu comecei a estudar com sete anos de idade, moro no assentamento acauã, eu gosto muito de meus pais, foram eles que me criaram, meus avos maternos morreram e tenho duas irmãs.

Moro no sitio em um lugar tranquilo, e muito movimentado tem um campo de vôlei e futebol e estão construindo uma praça, estão para inaugurar um posto medico, a igreja esta em construção já fizeram o piso o reboco só falta mais imagens, tem um prédio de associação onde acontecem eventos, comemorações e festas de casamento.

Lá no prédio tem viveiros de mudas, uma Mandala de peixe uma pocilga de porco e muitas hortas uma caixa d'água, eu estudo na Escola Estadual Dr. José

Gadelha, que tem professores divertidos que querem educar para ser uma pessoa com responsabilidade, a escola é muito grande e tenho muitos amigos uns querem aprender outros não.

O estudo é muito bom principalmente quando te gente carinhoso que querem ajudar, Valdete da muitos conselhos quando alguém faz algo de errado.

(G. T. 12 anos, 6º Ano).

ENTREVISTA COM MORADORA DO ASSENTAMENTO ACAUÃ

1 Qual é o seu nome?

R: Maria Da Guia dos Santos.

2 Quantos anos você tem?

R: 49 anos.

3 Onde você mora atualmente?

R: Aparecida.

4 Sempre morou aqui em Aparecida?

R: Não, antes morava no Assentamento Acauã no começo da história.

5 O que levou você a fazer parte da CPT?

R: Foi um convite de um membro da CPT para apoiar o movimento dos sem terra.

6 Qual a experiência vivida nesse movimento com relação à educação?

R: Boa, gratificante, valeu à pena lutar, com a luta, vem à vitória.

(MARIA DA GUIA, 2012 p.1).